

Tuberculose na Rocinha

Alexandre Chieppe

(sanitarista e superintendente de Vigilância Epidemiológica e Ambiental da Secretaria de Estado de Saúde)

*** Este artigo foi publicado em O Globo, em 25/11/2011**

A tuberculose é um grande problema de saúde pública em todo o mundo. Os números impressionam. Anualmente, ocorrem em torno de oito milhões de casos novos e quase três milhões de mortes. O Brasil é um dos 22 países priorizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) nas ações de prevenção à doença, porque está no grupo de nações que concentra cerca de 80% dos casos de tuberculose em todo o mundo. Somente em 2009, foram notificados mais de 70 mil casos novos de tuberculose no Brasil, correspondendo a 38 casos por 100.000 habitantes.

O estado do Rio de Janeiro, a despeito dos inúmeros avanços obtidos recentemente nas ações de prevenção e tratamento, é o estado da Federação com o maior coeficiente de incidência de tuberculose. Dados de 2010 revelam a ocorrência de mais de 70 casos para cada 100.000 habitantes, com a ocorrência de 815 óbitos (taxa de mortalidade de 5,1 a cada 100.000). Outra questão que merece destaque é o número expressivo de casos de tuberculose multirresistentes em nosso estado, refletindo a necessidade premente de melhor qualificar a assistência e o acesso ao diagnóstico precoce. A tuberculose é uma doença com determinantes sociais bem marcados, sendo possível estabelecer uma estreita relação com as condições de moradia, acesso aos serviços de saúde e alimentação adequada. Talvez esta seja uma das faces mais perversas da epidemia de tuberculose: a situação de extrema vulnerabilidade social que permeia as comunidades mais afetadas, sobretudo aquelas dominadas pelo poder do tráfico e que, por isso, não conseguem receber as ações de saúde pública para a prevenção. Além disso, vale o alerta: o recrudescimento da tuberculose guarda estreita relação com a epidemia de AIDS, sendo uma das principais causas de morte em pacientes que vivem com o HIV.

A incidência de tuberculose em algumas comunidades do nosso estado chega a atingir patamares quatro a cinco vezes maiores que a média estadual e impactam fortemente o índice global do Rio de Janeiro. Na comunidade da Rocinha temos um dos piores resultados e uma das maiores taxas de tuberculose no mundo. A incidência da doença na Rocinha em 2010 foi de 386,7 casos por 100.000 habitantes. Isto reforça a tese de que o controle da tuberculose deve englobar necessariamente a correção das desigualdades decorrentes das condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham.

É preciso agora aproveitar esta oportunidade, criada pela ação forte do Estado a partir do processo de pacificação da Rocinha, do Vidigal e da Chácara do Céu pela tomada do território pelas nossas forças de Segurança. Agora

podemos, enfim, entrar na comunidade, mapear os determinantes sociais que estão diretamente associados com o processo de adoecimento da população. É sabido, por exemplo, que o número de cômodos dos domicílios e a concentração humana intradomiciliar, assim como o processo de urbanização local, que não favorece o arejamento adequado e a entrada de luz solar nos domicílios, são fatores determinantes para a expansão e disseminação das doenças de transmissão respiratória, dentre elas a tuberculose.

É no terreno social que se materializam as condições para o desenvolvimento das formas particulares de doenças como a tuberculose e suas formas graves que conduzem mais frequentemente ao óbito. É por isso que a recente ocupação da Rocinha dá a nós profissionais da Secretaria de Estado de Saúde esperança renovada de, enfim, poder atuar conjuntamente com todo o Governo do Estado e a Prefeitura do Rio para mudar essa triste realidade.